

Artigo recebido em:

08.11.2017

Aprovado em:

30.12.2017

Jacques Mick

Professor dos programas de pós-graduação em Jornalismo e em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

E-mail: jmick@floripa.com.br

Aldo Schmitz

Jornalista, doutorando em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

E-mail: aldoschmitz@gmail.com

¹Este artigo é resultado do projeto de pesquisa *Journalistic role performance around the world* – Etapa Brasil, financiado pelo CNPq e pela Capes. Versão anterior foi apresentada no 14º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor, Palhoça (SC), 2016. Os autores agradecem às observações críticas dos pareceristas desta revista.

Estudos em Jornalismo e Mídia
Vol. 14 Nº 2
Julho a Dezembro de 2017
ISSNe 1984-6924

Pesquisa comparativa internacional em jornalismo: desafios teórico-metodológicos¹

Jacques Mick

Aldo Schmitz

Resumo

O artigo discute dificuldades teórico-metodológicas relacionadas à intenção de comparar as percepções sobre o papel do jornalismo nas práticas profissionais (*role performance*) em países com culturas jornalísticas distintas. O estudo se baseia no exame dos instrumentos de investigação do projeto *Journalistic role performance around the globe*, cujo objetivo é aferir a distância entre as representações sobre o papel da profissão e as práticas cotidianas dos jornalistas em 23 países de todos os continentes. O artigo apresenta a fundamentação conceitual da pesquisa e analisa criticamente os limites dos dois instrumentos de investigação nela adotados – a análise de conteúdo de itens noticiosos e um *survey* para os jornalistas autores das notícias avaliadas. Observa-se um delicado *trade-off* entre as variações nas culturas jornalísticas e as categorias adotadas nos instrumentos de pesquisa (com suas variáveis respectivas) e que reconhecê-lo é essencial para circunscrever e relativizar o alcance dos resultados de investigações como essa.

Palavras-Chave: Pesquisa comparativa. Papéis profissionais. Jornalismo comparado.

Abstract

The article discusses theoretical and methodological difficulties related to the intention of comparing perceptions about role performance on journalistic professional practices in countries with different journalistic cultures. The study examines the investigative tools of Journalistic Role Performance Around the Globe project, which aims to gauge the distance between representations about professional roles and the daily practices of journalists in 23 countries. The article presents the conceptual basis of the research project and critically analyzes the limits of two research instruments adopted - a content analysis of news items and a survey with journalists, the authors of evaluated news items. The article points out a delicate trade-off between the variations in journalistic cultures and the categories adopted in the research instruments (with their respective variables) and states that recognizing it is essential for circumscribing and relativizing the scope of such investigations.

Keywords: Comparative research. Professional roles. Comparative journalism.

A discussão das metodologias para pesquisas internacionais sobre o jornalismo aflorou nos últimos 15 anos, em paralelo à diversificação das investigações comparativas². Estudos do tipo têm focado aspectos sociodemográficos dos jornalistas, funções políticas do jornalismo, formação universitária e valores profissionais, entre outros tópicos³. As experiências empíricas têm suscitado dificuldades únicas, que começam com a seleção das perspectivas teóricas que orientarão os estudos, atravessam a concepção dos instrumentos de investigação, afetam o trabalho de campo e se desdobram sobre a interpretação dos dados e a avaliação da qualidade dos resultados da pesquisa.

Com a intenção de contribuir para esse debate teórico-metodológico, este artigo analisa os instrumentos de investigação adotados no projeto internacional de pesquisa *Journalistic role performance around the globe (JRP)*, cujo objetivo é aferir a distância entre as representações sobre o papel da profissão (*role conception*) e as práticas cotidianas dos jornalistas (*role performance*) em 23 países⁴. Escapa ao alcance do texto comparar os instrumentos desse projeto com os de outros estudos internacionais – o que permanece como objetivo relevante para estudos ulteriores.

Tem sido crescente o interesse de pesquisadores nos papéis profissionais, missões e funções dos jornalistas, assim como nos contextos que os moldam (CHRISTIANS et. al., 2009) – embora o tema seja ainda pouco frequente no Brasil e na América Latina. Os estudos sobre papéis profissionais centraram-se inicialmente nas concepções dos jornalistas, baseando-se em casos de somente um país, um tipo de mídia ou editoria. Mais recentemente, pesquisadores começaram a comparar essas concepções transnacionalmente – em geral, entre dois países, mas também em âmbito global (HANITZSCH, 2011). A pesquisa comparativa é de enorme contribuição ao campo, por mapear diferenças e similaridades entre países, e avaliar empiricamente o argumento de que as culturas jornalísticas seriam vinculadas aos contextos de que emergem, particularmente nos países em desenvolvimento e nas democracias em transição⁵.

Conforme Mellado et. al. (2016), as pesquisas transnacionais sobre o tema ainda são insuficientes em três aspectos-chave que podem ajudar a compreender melhor as variações de papéis profissionais de jornalistas entre países, e como ou por que esses papéis são colocados em prática:

a) primeiro, ainda que um consistente conjunto de pesquisas comparativas entre estilos de apuração e conteúdo midiático confirme que variações no conteúdo são relacionadas a culturas jornalísticas nacionais, essas pesquisas lidam com o estudo de papéis profissionais somente de forma indireta. Poucas pesquisas abordam o modo como as concepções de papéis profissionais se materializam no conteúdo jornalístico através de indicadores específicos de “desempenho de papéis” (*role performance*, cf. MELLADO, 2015). Destacando as limitações de comparar culturas jornalísticas baseando-se somente nas concepções dos jornalistas sobre os papéis profissionais, alguns pesquisadores têm insistido na necessidade de examinar em que medida os papéis profissionais se materializam de fato no conteúdo noticioso (TANDOC; HELLMUELLER; VOS, 2013; MELLADO; VAN DALEN, 2013; MELLADO, 2015; CARPENTER; BOHEMER; FICO, 2015; PHIL-THINGVAD, 2015). Como sugere Mellado (2015, p. 596-97), enquanto o estudo da concepção de papéis profissionais analisa em abstrato a cultura jornalística, o estudo do desempenho desses papéis lida com “comportamentos (ações, processos ou conjunto de reações) influenciados por grupos de referência, que levam à execução de uma tarefa ou função em um grupo específico, organização ou sociedade... um resultado coletivo de negociações dinâmicas”⁶.

b) segundo, a maior parte dos estudos comparativos sobre a concepção de papéis profissionais – e os poucos que tratam do desempenho desses papéis – confirma que variáveis nacionais, como a cultura jornalística, de fato são distintas entre países

²As pesquisas comparativas em jornalismo são objeto de vários dos estudos reunidos por Esser; Hanitzsch (2012), em especial os de Hanitzsch; Donsbach (2012); Hanitzsch; Esser (2012) e Livingstone (2012). Reflexões teórico-metodológicas introdutórias sobre o tema estão disponíveis em Hanitzsch (2008a, 2008b).

³Os projetos internacionais mais conhecidos envolvendo o Brasil até 2015 são os relatados por Weaver; Willnat (2012a), Hanitzsch et. al. (2011; 2012), Hanitzsch; Mellado (2011), Mellado; Hanusch (2012), Mellado; Moreira; Lagos; Hernández (2012), Nordenstreng; Thusu (2015). Entre os estudos que não consideram o país, destacamos Donsbach; Patterson (2004), Hallin; Mancini (2004) e Hallin; Mancini (2011).

⁴Alemanha, Argentina, Brasil, Chile, China, Cuba, Chipre, Equador, Espanha, Estados Unidos, Filipinas, Grécia, Hungria, Hong-Kong, Índia, Itália, Irlanda, Malásia, México, Polônia, Rússia, Suíça e Tailândia. A pesquisa pretende comportar, desse modo, países de vários continentes, com diferentes regimes políticos, econômicos e distintas culturas jornalísticas.

⁵Este e os próximos parágrafos desta seção sintetizam livremente os argumentos iniciais do artigo de Mellado et. al. (2016).

⁶As traduções para a língua portuguesa são de responsabilidade dos autores.

e têm, portanto um componente de forte vinculação ao contexto – sobretudo no que se refere às diferenças existentes nos sistemas de mídia. Há oportunidades nas pesquisas comparativas sobre como os papéis profissionais variam – ou não – entre países menos escolarizados, com sistemas de mídia híbridos e tradições jornalísticas pouco delimitadas, como os da América Latina e outras democracias em transição;

c) finalmente, embora exista vasta pesquisa sobre o impacto de fatores organizacionais, individuais ou nacionais na concepção de papéis profissionais, o mesmo não pode ser dito sobre os estudos de desempenho desses papéis.

Em resposta a tais limites, o projeto de pesquisa *Journalistic role performance around the globe* traçou como seus objetivos: a) analisar como papéis profissionais se materializam no conteúdo noticioso e mapear as variações entre os países; e b) explorar se outras variáveis organizacionais ou de mídia, como a orientação política e tipo dos jornais ou o tema das notícias, determinam o desempenho dos modelos de papéis profissionais. Nas próximas três seções, respectivamente, analisaremos o desenho teórico-metodológico do projeto, apontaremos dificuldades relacionadas ao trabalho de campo no Brasil, derivadas da adoção de instrumentos padronizados de pesquisa; e por fim elencaremos limites e potencialidades de investigações comparativas como essa.

Desenho teórico-metodológico do projeto JRP

Com base nos trabalhos de Mellado (2015), Mellado e Van Dalen (2014) e Tandoc *et. al.* (2013), entre outros, o projeto compara as concepções e práticas dos jornalistas de 23 países tendo como referência comum seis modelos de desempenho de papéis no jornalismo – todos compostos por diferentes indicadores de prática profissional. Os seis modelos referem-se a três domínios principais: a) a presença da voz dos jornalistas (modelo disseminador-intervencionista); b) a relação que o jornalismo sustenta com poderes de fato e de direito (instituições) (os modelos fiscalizador e leal-facilitador); e c) a forma como o jornalismo aborda o público (os três modelos restantes, de serviço, de infotainment e cívico).

No domínio da voz jornalística [*journalistic voice*], o modelo disseminador-intervencionista legitima uma postura ativa dos jornalistas (contra uma postura passiva, supostamente isenta). No segundo domínio, relacionado à posição dos jornalistas diante dos poderes, o modelo fiscalizador refere-se à postura de monitoramento, frequentemente antagonista, que o jornalismo adota para responsabilizar os poderes de fato e de direito, chamando atenção para suas infrações. O modelo 'leal', por sua vez, se materializa de duas maneiras: ou o jornalismo coopera com aqueles que estão no poder, ou se foca no Estado-nação, ajudando a fortalecer e visibilizar conquistas e prestígio nacionais. Por fim, o terceiro domínio mensura diferentes maneiras como o jornalismo aborda o público, identificando três modelos de desempenho de papéis: de serviço, de infotainment e cívico. O modelo de jornalismo de serviço vê o público como um cliente, provendo informação, conhecimento e recomendações sobre bens e serviços úteis em seu cotidiano. O modelo de jornalismo de infotainment aborda o público como espectadores, utilizando-se de diferentes recursos estilísticos, frequentemente narrativas ou discursos visuais dramáticos e sensacionalistas, para entreter e emocionar. Finalmente, o modelo de jornalismo cívico persegue ideais democráticos e considera o público como cidadãos que devem ser empoderados, educados e informados sobre tópicos complexos e controversos. Cada um desses modelos é caracterizado por diferentes indicadores de práticas profissionais (estilos de reportagem e esquemas narrativos) (Quadro 1).

Quadro 1 – Modelos de desempenho de papéis jornalísticos e seus indicadores

Modelos de jornalismo	Indicadores de desempenho (variáveis)
Disseminador-intervencionista	Tomar partido, interpretar, apresentar propostas ou demandas (sempre por parte do jornalista), usar adjetivos e/ou primeira pessoa
Fiscalizador (<i>watchdog</i>)	Questionar, criticar, denunciar, relatar conflito, cobrir julgamentos ou processos, investigar, reportar investigações externas
Leal-facilitador	Apoiar ações das instituições, promover políticas nacionais ou regionais, disseminar imagem positiva das elites econômicas ou políticas, enfatizar os progressos e triunfos nacionais do país, comparar o país ou a região com o restante, promover o país, demonstrar patriotismo
De serviço	Priorizar temas de impacto na vida cotidiana; dar conselhos ou dicas, tanto em relação a queixas, quanto a riscos individuais; aconselhar o consumidor
De infotimento	Personalizar, dar visibilidade à vida privada, usar de sensacionalismo, escândalo, emoções ou exibir o mórbido
Cívico	Priorizar perspectivas, demandas e questões dos cidadãos; valorizar a credibilidade dos cidadãos; apoiar os movimentos sociais; educar quanto a direitos e deveres; dar informações progressas; informar atividades cívicas; focar temas de impacto local

Fonte: Mellado e Van Dallen (2013), com adaptações e atualizações dos autores.

Esses modelos são utilizados como referências (tipos-ideais) para o desenvolvimento de uma pesquisa que combina, em cada país, dois instrumentos consecutivos: a) a análise de conteúdo e classificação de itens noticiosos selecionados como amostra nos principais jornais diários e b) um *survey* com os jornalistas que escreveram os itens analisados. Como a pesquisa pretende comparar as diferentes percepções e ações dos jornalistas em países ocidentais e não-ocidentais, democráticos e autoritários, de capitalismo liberal e de Estado, os instrumentos se inserem num desenho analítico complexo: em cada país, as equipes de pesquisa devem levar em conta características do sistema social, teórica e empiricamente analisando os aspectos de contexto mais importantes, que não têm sido considerados na maioria dos estudos que tentam explicar as forças que modelam o desempenho do jornalismo em todo o mundo. A avaliação de contexto considera informações sobre a organização, as rotinas, o tamanho das equipes, as audiências, as influências de mercado, os fatores do sistema político e econômico, baseadas em dados colhidos pelos pesquisadores em cada país.

No Brasil, o trabalho de campo foi realizado entre 2014 e 2016. A primeira etapa envolveu a mobilização e capacitação da equipe, formada por doze pesquisadores, entre professores e estudantes de graduação, mestrado e doutorado de diferentes instituições de ensino, concentrados na Universidade Federal de Santa Catarina, responsável pela coordenação da investigação no país. Para familiarizar-se com os objetivos, o método e a problemática do projeto, a equipe revisou e discutiu a bibliografia de referência sobre *role conception* e *role performance*. A capacitação foi fundamental para a realização da primeira etapa da pesquisa – a análise e classificação de conteúdo –, uma vez que as orientações para a codificação constaram num mesmo manual em inglês distribuído às equipes de todos os países, traduzido colaborativamente e discutido em detalhes pelo conjunto dos pesquisadores brasileiros.⁷

⁷A língua portuguesa não é o idioma oficial de nenhum outro país objeto do estudo.

A análise de conteúdo contemplou 2.749 itens noticiosos de quatro diários de interesse geral, publicados em 14 dias de 2012 e 14 dias de 2013. Como o Brasil não dispõe de jornais populares de circulação nacional (e, mesmo nos populares regionais, a cobertura de temas nacionais não é significativa), a amostra restringiu-se a *quality papers*: *O Globo (OG)*, *O Estado de S. Paulo (OESP)*, *Folha de S. Paulo (FSP)* e *Zero Hora (ZH)*. Selecionou-se uma amostra estratificada sistemática de itens noticiosos de cada jornal, utilizando-se o método da “semana construída” (RIFFE *et. al.*, 2005, p. 112-117). Em cada diário, as edições de uma segunda, uma terça, uma quarta, uma quinta, uma sexta, um sábado e um domingo foram selecionadas ao longo de cada semestre de cada ano, assegurando-se que cada mês fosse representado por pelo menos um dia, sem sobre-representação de determinado período. Isso significa que duas “semanas construídas” de itens noticiosos compuseram a amostra por jornal por ano, o que é considerado estatisticamente suficiente para permitir “estimativas fiáveis” (RIFFE; AUST; LACY, 1993, p. 139). Só foram considerados itens relativos a temas de importância nacional (Tabela 1).

Tabela 1 – Itens noticiosos codificados no Brasil, no projeto JRP

Diário	Número de itens
<i>Zero Hora</i>	310
<i>Folha de S. Paulo</i>	860
<i>O Estado de S. Paulo</i>	745
<i>O Globo</i>	834
Total	2.749

Fonte: Elaboração dos autores.

A unidade de análise é o item noticioso. Todos os itens (notícias, reportagens, notas, fotografias, infográficos) de cada diário publicados em seções associadas à editoria nacional (ou na parte nacional das editorias), nas datas sorteadas foram codificados – à exceção dos textos de opinião e do conteúdo de colunas, mesmo que informativas. Cada item noticioso foi analisado para que o pesquisador pudesse responder a 77 variáveis – a maior parte delas com respostas do tipo “sim”, “não” ou “não se aplica”, referidas aos indicadores constantes do Quadro 1.

A segunda etapa, realizada a partir do segundo semestre de 2015, foi uma enquete sobre as representações dos jornalistas a respeito de seus papéis e práticas profissionais, para a qual foram convidados os 600 autores dos itens noticiosos codificados. O questionário pretende aferir a percepção dos jornalistas sobre seus papéis profissionais, seus níveis de autonomia e de percepção de influências, bem como alguns traços organizacionais dos diários em que trabalhavam e características pessoais relacionadas com o trabalho. Assim como o roteiro de codificação, o questionário é o mesmo para todos os países e a responsabilidade pela tradução ao português foi compartilhada pela equipe brasileira.

Os jornalistas foram inicialmente convidados por e-mail: uma mensagem apresentava a pesquisa e seus objetivos e pedia aos profissionais para participar do estudo, com o *link* para acessar o questionário. Os autores foram informados de que haviam sido escolhidos porque notícias que publicaram em seus respectivos jornais entre 2012 e 2013 fazem parte da amostra da pesquisa. Duas mensagens de *follow-up* foram enviadas nas semanas seguintes, para lembrar aqueles que ainda não haviam completado o questionário. Durante os meses seguintes, novos três lembretes

de acompanhamento foram enviados. Diante das dificuldades de realizar a enquete *online*, estratégias alternativas foram utilizadas – elas serão detalhadas na próxima seção.

O conjunto de escalas utilizadas para medir as concepções sobre papéis profissionais junto aos jornalistas foi modelado levando-se em conta uma série de levantamentos realizados com profissionais da área em todo o mundo (WEAVER *et. al.*, 2007; HANITZSCH, 2011; MELLADO; VAN DALEN, 2013). O questionário inclui 22 declarações sobre a importância dos diferentes papéis da mídia para eles. Os entrevistados foram convidados a avaliar cada uma dessas declarações, em uma escala de 5 pontos, em que 1 corresponde a nada importante e 5 corresponde a extremamente importante. Dois itens perguntaram sobre o modelo de serviço; quatro foram conceituados para avaliar o modelo fiscalizador; seis itens, para avaliar o modelo leal-facilitador; dois itens, para o modelo de infotainment; seis itens, para o modelo orientado para o cidadão; e dois itens, para o papel de disseminador-intervencionista.

Na terceira etapa do trabalho de campo, ainda em desenvolvimento, o projeto compara as concepções de papéis dos jornalistas com os itens noticiosos que eles produzem, mapeando a (des)conexão entre papéis e conteúdos para analisar como as concepções valorativas se relacionam ao trabalho dos jornalistas. Em seguida, são comparados os diferentes resultados entre os países participantes do estudo. Variáveis organizacionais e do sistema social fornecem o quadro explicativo para explicar as diferenças.

As aprendizagens do trabalho de campo

A participação em um estudo comparativo internacional pressupõe a adoção de uma metodologia comum, com instrumentos adaptados e traduzidos para a realidade local. O estudo JRP coordenado por Claudia Mellado (PUC de Valparaíso, Chile) e Lea Hellmueller (Universidade do Texas, Estados Unidos) insere-se numa trajetória de investigações empíricas, de tradição anglo-saxônica, que produziu uma nova geração de resultados desde o final dos anos 1990, com maior repercussão nos Estados Unidos, na Alemanha, na Inglaterra. Em geral, tais estudos são pouco conhecidos no Brasil; os pesquisadores que adotaram metodologias semelhantes no país, como Herscovitz, tiveram poucos seguidores até o momento. Isso se explica pelo predomínio, no campo acadêmico brasileiro do jornalismo, de abordagens hermenêuticas, “como os estudos de linguagem, estudos de recepção, aspectos éticos da atividade ou abordagens históricas”, combinadas à observação de processos produtivos e aos esforços para “constituir e consolidar uma teoria do jornalismo” (FRANCISCATO *et. al.*, 2010, p. 114).

Na realização da etapa brasileira, foram levadas em conta desde o princípio as objeções apresentadas às pesquisas sobre papel dos jornalistas com metodologia semelhante à proposta por Mellado e Hellmueller, sintetizadas exemplarmente por Albuquerque (2012, p. 15). Este autor observa que, em tais estudos,

as categorias de análise parecem fortemente influenciadas por expectativas que fazem todo o sentido no contexto do jornalismo americano, mas não necessariamente em outros países. Por exemplo, os questionários sobre o papel profissional dos jornalistas se baseiam em sete categorias: relatar as notícias rapidamente, providenciar análise, ser um cão de guarda do governo, proporcionar acesso do público a informações, proporcionar entretenimento, relatar as notícias de forma acurada ou objetiva e ser membro de uma organização jornalística. Não apenas tais categorias ignoram uma série de outras possibili-

dades igualmente relevantes – por exemplo, desempenhar o papel de publicista (CHALABY, 1998), ou atuar como instrumento de autorregulação do partido, dentro da lógica da crítica e autocrítica (ROUDAKOVA, 2009; ZHAO, 2011) – como elas não são necessariamente interpretadas do mesmo modo em diferentes contextos. (ALBUQUERQUE, 2012, p. 15).

Acrescente-se que algumas das características consideradas típicas desses modelos de papéis jornalísticos podem perfeitamente integrar outros modelos. Herscovitz (2004), com base em *survey* realizado em 1998 com 402 jornalistas de São Paulo e em entrevistas, produziu uma primeira caracterização das representações do papel da mídia pelos profissionais brasileiros. Concluiu que a maioria dos jornalistas brasileiros “detinha uma visão pluralista com relação aos papéis da mídia no fim do século 20”, porque suas respostas aos indicadores de cada modelo, no *survey*, resultaram em autopercepções classificadas pela pesquisadora (tomando como referência três tipos ideais propostos por Weaver e Wilhoit) como uma combinação de disseminadores (77,6%), intérpretes (66,2%) e críticos dos governos (47,2%). É perfeitamente possível sustentar hipótese contrária, que contesta a articulação, excessivamente estática, entre modelos e indicadores. A própria autora aponta que “a natureza particular da visão pluralística dos brasileiros espelha o contexto cultural no qual os jornalistas operam e o modo como o jornalismo se desenvolveu no país” (HERSCOVITZ, 2004).

Assim, a primeira cautela a adotar na realização da etapa brasileira da pesquisa, portanto, foi evitar a essencialização do método, refletindo criticamente sobre ele (cf. BOURDIEU, 2005). Coerentemente com essa postura, a etapa final, de avaliação dos resultados, contextualizará os dados do *survey* e a classificação dos itens noticiosos numa análise das relações de poder e das percepções dos agentes sobre as características do campo em que atuam. Trata-se de observar as trajetórias e a formação dos jornalistas, as especificidades do mercado de trabalho, as hierarquias e legitimações que configuram o campo, e as percepções dos profissionais sobre tais relações.⁸ A observação do contexto pode contribuir para minimizar o enviesamento dos resultados em função de outros limites do método prescrito por Mellado e Hellmueller, também apontados por Albuquerque (2012, p. 15)⁹, como o etnocentrismo:

Este modelo de análise permanece popular, como sugere o recente estudo de Hanitzsch e Mellado (2011) sobre o modo como os jornalistas percebem influências em seu trabalho em dezoito países. Não obstante as categorias analíticas usadas pelos autores sejam bastante gerais – influências políticas, influências econômicas, influências profissionais, influências organizacionais, grupos de referência e influências procedimentais – a sua aplicação concreta apresenta fortes indicações de um viés etnocêntrico como base da análise. Isto fica bastante evidente quando se considera que os autores se valem acriticamente da classificação, pela organização americana Freedom House, dos sistemas políticos dos países em três categorias – livre, parcialmente livre e não-livre. (ALBUQUERQUE, 2012, p. 15).

A distância crítica em relação às premissas teórico-metodológicas da pesquisa internacional produziu obstáculos singulares nas duas etapas do trabalho de campo. Mesmo com a discussão da bibliografia elementar sobre o tema, a equipe brasileira de pesquisadores teve dificuldades para assimilar o significado de algumas das variáveis adotadas como indicadores para cada modelo de papéis. Os exemplos são

⁸ Isso é especialmente importante se considerarmos as singularidades dos jornalistas brasileiros identificadas recentemente pelo estudo de Mick e Lima (2013): uma categoria profissional que se tornou predominantemente feminina e jovem, com elevado grau de formação superior específica em jornalismo e com atuação profissional dispersa em variados tipos de atividades (a ponto de o trabalho exclusivo em mídia ser característico de apenas 45,8% da categoria).

⁹ O autor aprofunda a crítica, tratando especificamente do tema do paralelismo político no estudo de Hallin e Mancini, em Albuquerque (2011).

abundantes: em certas reportagens investigativas (dominantes no modelo fiscalizador) ocorre a presença de voz autoral dos jornalistas (típica do modelo disseminador-intervencionista); em itens noticiosos que tratam de corrupção surgem menções a vida privada (típicas do modelo de infotimento, mas sem tal característica no contexto); textos característicos do modelo cívico contêm indicadores do disseminador-intervencionista; e assim por diante. Além do desconforto no uso das variáveis, a tarefa de codificar se tornou estafante para a equipe, pois em cada item noticioso foram verificados mais de 80 diferentes aspectos ou variáveis. Em função da carga demasiada de trabalho, houve atrasos e codificações incompletas, exigindo remanejamentos de tarefas entre a equipe e contratação de codificadores remunerados.

Dois outros problemas referem-se ao desenho metodológico dessa etapa. O primeiro tem a ver com a generalização dos resultados – sua capacidade de representar o conjunto do jornalismo brasileiro a partir de itens noticiosos publicados por apenas quatro diários. A complexidade institucional do jornalismo no país – com milhares de emissoras de rádio, centenas de emissoras de TV concentradas em redes de alcance nacional, diários cujas tiragens somam cerca de oito milhões de exemplares, milhares de canais de internet e incontáveis mídias de fontes – torna pouco crível a generalização dos resultados de pesquisa baseada em uma amostragem de quatro diários de grande porte, a despeito de seu potencial multiplicador. O outro problema refere-se à delimitação da amostra em notícias de interesse nacional: neste país-continente, a maior parte dos temas de serviço ou de cidadania é enquadrada a partir dos vínculos locais (regionais ou municipais). Isso afeta tanto a comparabilidade internacional dos dados (já que os mesmos critérios não se aplicam a países menores), quanto a mensuração da presença de diferentes modelos de papeis a orientar os jornalistas brasileiros: como tópicos relativos aos modelos cívico e de serviço, por exemplo, se combinam a abordagens locais, foram excluídos da amostra (embora não fossem inexistentes nos diários).

Mais dificuldades se juntaram na segunda etapa da pesquisa, o *survey*. O descumprimento do cronograma original da etapa de codificação teve grande impacto no atraso do início da aplicação da enquete. A isso se somou a dificuldade de encontrar e-mails e outros canais de contato com os autores. Como as notícias haviam sido publicadas em 2012 e 2013 e o *survey* teve início no segundo semestre de 2015, muitos profissionais haviam deixado seus empregos. Devido a rotatividade e demissões, acredita-se que quase 40% dos convites para questionários não foram entregues pelo sistema escolhido para a realização da enquete online (*Survey Monkey*). Os esforços para multiplicar o número de respondentes via *Survey Monkey* envolveram o envio de cinco mensagens, sendo as duas últimas com resultados praticamente nulos. Foi possível localizar e-mails de 65% dos 600 autores; boa parte deles, contudo, não era de contas pessoais, mas de endereços vinculados aos jornais. Além disso, grande parte dos jornalistas não abre e-mail com convites para pesquisa, pois recebem muitas solicitações deste tipo e *spam*.

Vários fatores combinados afetaram a viabilidade do *survey*, numa conjuntura extremamente adversa. Os jornais passaram por um período de muitas demissões: só no segundo semestre de 2015 foram demitidos 313 jornalistas nos diários da pesquisa: 98 em *O Globo*; 96 em *O Estado de S. Paulo*, 65 na *Folha* e 54 na *RBS*, incluindo *Zero Hora*. Os que restaram foram submetidos a condições piores de trabalho – como jornadas longas, sobretudo na cobertura de temas nacionais de política e economia, conexos aos dos itens noticiosos avaliados na pesquisa. Com o agravamento da crise política e econômica, entre o segundo semestre de 2015 e o primeiro de 2016, as condições dos grandes jornais viveram uma turbulência de trabalho.

Não bastassem esses problemas, a maioria dos jornalistas importantes no Brasil, assim como os veículos em que trabalham, tem pouca predisposição para colaborar com pesquisas acadêmicas. E, além do JRP, havia no mesmo período a aplicação

de duas outras pesquisas internacionais, uma delas ligada ao projeto *The Worlds of Journalism Study* (coordenado por Thomas Hanitzsch) e outra destinada à comparação entre os jornalistas brasileiros e seus colegas de Rússia, Índia, China e África do Sul (o bloco BRICS), ambas coordenadas no Brasil por pesquisadores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Ao final de quase um ano de ações via *Survey Monkey*, de 110 respostas obtidas, constatou-se que 35 foram parciais (32%). Isso parece ser resultado de vários outros problemas combinados: o questionário é longo, contém perguntas subjetivas, oferece opções de respostas truncadas e que parecem sem sentido no contexto brasileiro. Assim como os pesquisadores, os jornalistas não se sentiram confortáveis com o instrumento: além de longas e sobrepostas, muitas perguntas apresentam variáveis complicadas e entrelaçadas, o que confundiu parte dos respondentes. O instrumento demanda longo tempo para responder, superior a 30 minutos, enquanto a bibliografia internacional sobre a técnica recomenda o máximo de 15 minutos.

Muitos jornalistas questionaram por e-mail ao coordenador do estudo no Brasil o porquê da inclusão de seu nome da pesquisa (embora isso estivesse explicado tanto nas mensagens de e-mail, como no texto de apresentação do *survey*). Alguns se recusaram a responder, pois desconheciam a relação do *survey* com as notícias de sua autoria. Houve ainda quem estranhasse uma pesquisa ser aplicada em 2015 ou 2016, referente a notícias veiculadas em 2012 e 2013.

A meta de respondentes do JRP era de 250 jornalistas, mas após um ano a equipe havia obtido apenas 75 respostas completas (30%). Isso exigiu uma estratégia complementar de aplicação da pesquisa, presencial ou por telefone. A aplicação presencial esbarrou na dificuldade de acesso às redações, pois os jornais não permitem pesquisas nos locais de trabalho. Além disso, a enquete presencial demandaria enorme tempo e custos elevados (telefonemas, viagens etc.), numa investigação já sem recursos¹⁰. Ainda em 2015, foi possível aplicar questionários presenciais em OG e ZH, com um resultado relevante (35 novas respostas), graças ao apoio de profissionais que atuavam nos veículos e se dispuseram a colaborar para localizar os autores e convidá-los a responder ao instrumento impresso. Não foi possível obter cooperação de jornalistas na aplicação presencial da enquete em São Paulo (OESP, FSP e sucursal de OG) e em Brasília (sucursais OESP, FSP, OG e ZH), e os pesquisadores da equipe nessas cidades não lograram resultados significativos por meio de esforços como contatos por telefone ou vistas às redações. De 600 autores, a pesquisa obteve 145 respondentes, total ou parcialmente – um percentual, na verdade, significativo, considerando-se o conjunto de obstáculos encontrados no trabalho de campo.

¹⁰A pesquisa foi contemplada com um aporte de R\$ 15 mil do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), para execução entre 2013 e 2015, metade dos recursos solicitados ao órgão de fomento.

Considerações finais: limites e potencialidades desse tipo de pesquisa

A extensão da crítica ao arranjo teórico-metodológico do *Journalistic role performance* esbarra nas premissas desse tipo de estudo: uma crítica radical poderia propor a recusa tanto dos instrumentos, quanto dos fundamentos conceituais da pesquisa. Seria possível argumentar, por exemplo, que a associação entre valores e práticas é sobrevalorizada, que os valores são ideológicos e que sua relação com os saberes práticos é não apenas incerta, como induzida pelos instrumentos de pesquisa. Do mesmo modo, pode-se afirmar que as diferenças entre culturas jornalísticas costumam ser tão significativas que restringem a utilidade de *surveys* apenas a questões menos controversas, como características sociodemográficas e indicadores do mercado de trabalho. Uma crítica radical aos fundamentos teóricos, portanto, afetaria todo o projeto (e mais, confrontaria a legitimidade de todo um conjunto de pesquisas em vários países que exploram essa vertente de investigação); tal desafio, contudo, escapa aos contornos deste artigo.

Admitindo-se a legitimidade das premissas, a experiência brasileira no JRP labora para o aprofundamento do conhecimento dessa espécie de estudo no campo colabora para o aprofundamento do conhecimento dessa espécie de estudo no campo acadêmico do país. O desenvolvimento da etapa local, além de permitir o adensamento do quadro comparativo internacional em elaboração, estimula a reflexão sobre critérios confiáveis para pensar o contexto nacional em sua articulação com o internacional. A mera importação de critérios de análise internacional para o caso brasileiro pode ter por efeito o mascaramento das singularidades do campo jornalístico no Brasil – mas é certo que parte das mudanças observadas no país não se desvincula das demais transformações internacionais do setor.

Assim, a etapa brasileira do JRP, ora em fase final, favorece críticas ao arranjo teórico-metodológico do projeto focadas nas seguintes dimensões: a estratégia de concepção dos instrumentos e de coordenação das equipes de pesquisa; o ajuste dos instrumentos, conceitos e variáveis às realidades de cada país; a credibilidade e a possibilidade de generalização dos resultados.

No que se refere ao envolvimento das equipes na concepção e implementação dos instrumentos, algumas observações nos parecem relevantes. Pesquisas internacionais mobilizam conjuntos muito heterogêneos de investigadores e a harmonização das competências e dos entendimentos entre eles é um desafio em si, complexo, não solucionável meramente pela distribuição e reiteração de manuais ou códigos de orientação. Pesquisas comparativas serão mais bem sucedidas se forem concebidas e realizadas em equipe, envolvendo investigadores familiarizados com os universos a serem estudados. Embora Hanitzsch (2008a, p. 424) também aponte a pesquisa colaborativa como a abordagem mais poderosa para superar o etnocentrismo na pesquisa, há condições para que isso possa de fato ocorrer. Duas delas se combinam: a horizontalidade e a ampla participação. Uma pesquisa cooperativa fortemente centralizada no coordenador (ou nos coordenadores) pode desperdiçar as oportunidades de troca de conhecimento e impressões entre os integrantes. A participação dos envolvidos pode ser otimizada por ações de estímulo contínuo à troca de ideias. Outra condição é o nivelamento – a definição de uma bibliografia de referência, com a qual a investigação dialoga, de domínio necessário por todos os integrantes da equipe (sem o que, o entendimento das questões de fundo pelo grupo é prejudicado).¹¹

Quanto ao ajuste dos instrumentos às particularidades de cada país, o caso do JRP, a partir da experiência de trabalho de campo da equipe brasileira, indica que a concepção abstrata, *a priori*, dos modelos de papéis guarda pouca relação com as práticas profissionais¹². As singularidades na constituição dos campos jornalísticos produzem *habitus* profissionais distintos, cujas diferenças são difíceis de aferir, sobretudo quando o ponto de partida metodológico é a concepção de modelos. Em levantamentos desse tipo, categorias ideal-típicas se acumulam em cascata, estruturam a elaboração dos instrumentos de pesquisa e engessam a investigação de tal modo que produzem ou resultados esotéricos, ou a conformação da “realidade” às expectativas prévias dos pesquisadores – as profecias autorrealizáveis. A posição do Brasil no quadro síntese da pesquisa-piloto de Hanitzsch em 18 países é um exemplo: é o único país em que os quatro modelos de cultura jornalística concebidos pela equipe de pesquisa (disseminador populista, investigador imparcial, agente de mudança crítica e facilitador de oportunidades) se distribuem de modo mais ou menos homogêneo (HANITZSCH *et. al.*, 2011; MELLADO *et. al.*, 2012). Do mesmo modo que os dados parciais do JRP indicam, este resultado não nos diz nada sobre o jornalismo brasileiro – e isso se deve, antes de tudo, à escolha do desenho de pesquisa¹³.

Observa-se, assim, um delicado trade-off entre as variações nas culturas jornalísticas e as categorias adotadas nos instrumentos de pesquisa (com suas variáveis respectivas). Reconhecê-lo permite circunscrever e relativizar o alcance dos resultados de investigações como essa. Além disso, a própria delimitação do objeto justi-

¹¹Crítica idêntica é também apontada no texto de Mick (2017).

¹²É prematuro avaliar as relações entre os modelos e as representações dos jornalistas sobre seus papéis profissionais, uma vez que a etapa final da pesquisa ainda não está concluída.

¹³No caso da investigação coordenada pelo pesquisador alemão (HANITZSCH *et. al.*, 2011), o mesmo questionário foi aplicado a apenas 100 jornalistas em cada país, com profissionais de referência na mídia de alcance nacional. Os autores reconhecem que a amostra não é generalizável, mas isso não os impede de desenhar as conclusões generalizantes a que chegam, em numerosos artigos e livros. Num país como o Brasil, com 145 mil jornalistas, 80 mil deles trabalhando em mídias (MICK; LIMA, 2013), uma amostra de 100 profissionais é tão arbitrária que afeta resultados quantitativos desde o princípio.

fica moderação na generalização dos resultados: tanto a amostra composta apenas por itens noticiosos de *quality papers* de circulação nacional ou regional ampliada, quanto o *survey* com poucas centenas de jornalistas de diários (apesar de sua posição relativamente dominante dentro do campo jornalístico brasileiro) não são o bastante para representar a diversidade da categoria no país. A investigação sobre a importância prática das representações sobre os papéis profissionais precisa contemplar profissionais e discursos que circulam em várias outras mídias jornalísticas, para ser considerada minimamente representativa do conjunto da profissão no Brasil.

Referências

ALBUQUERQUE, A. (2011). On Models and Margins: Comparative Media Models Viewed from a Brazilian Perspective. In: HALLIN, Daniel C.; MANCINI, Paolo. (Org.). **Comparing Media Systems Beyond Western World**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 72-95.

ALBUQUERQUE, A. O paralelismo político em questão. **Revista Compólitica**, v. 2, n. 1, ed. julho-agosto, 2012, p. 5-28.

BENSON, R. Mapping field variation: journalism in France and the United State. In: BENSON, R.; NEVEU, E. (Orgs.). **Bourdieu and the journalistic field**. Malden, Cambridge: Polity Press, p. 85-112, 2005.

BOURDIEU, P. Introdução a uma sociologia reflexiva. In: BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 17-58, 2005.

CARPENTER, S.; BOEHMER, J.; FICO, F. The Measurement of Journalistic Role Enactments: A Study of Organizational Constraints and Support in For Profit and Nonprofit Journalism. **Journalism and Mass Communication Quarterly**, 2015. Doi:10.1177/1077699015607335

CHRISTIANS, C. G.; GLASSER, T. L.; MCQUAIL, D.; NORDENSTRENG, K; WHITE, R. A. **Normative theories of the media: journalism in democratic societies**. Urbana: University of Illinois Press, 2009.

DONSBACH, W.; PATTERSON, T. 'Political news journalists: Partisanship, Professionalism and Political Roles in Five Countries', In: ESSER, F.; PFETSCH, B. (eds.) **Comparing political communication: Theories, cases, and challenges**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

ESSER, F.; HANITZSCH, T. (eds.). **Handbook of comparative communication research**. New York; London: Routledge, 2012.

FRANCISCATO, C. E.; SPENTHOE, E.; TONUS, M.; GADINI, S. L.. A produção do conhecimento no campo do Jornalismo. In: CASTRO, D.; MELO, J. M. de; CASTRO, C. (org.). **Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil**. V. 2. Brasília: Ipea, 2010, p. 99-116.

HANITZSCH, T.; ESSER, F. Challenges and perspectives on comparative communi-

cation inquiry. In: ESSER, F.; HANITZSCH, Th. (eds.). **Handbook of comparative communication research**. New York; London: Routledge, 2012.

HALLIN, D. C.; MANCINI, P. **Comparing Media Systems: Three models of media and politics**. Cambridge, New York: Cambridge University Press, 2004.

HALLIN, D. C.; MANCINI, P. Comparing media systems: a response to critics. In: HALLIN, D. C.; MANCINI, P. (Orgs.). **Comparing Media Systems Beyond the Western World**. Cambridge, New York: Cambridge University Press, 2011.

HANITZSCH, T. Comparative journalism studies. In: WAHL-JORGESEN, K.; HANITZSCH, Th. (eds.). **The handbook of journalism studies**. New York; London: Routledge, 2008a, p. 413-427.

HANITZSCH, T. Comparing journalism across cultural boundaries: state of the art, strategies, problems, and solutions. In: LÖFFELHOLZ, M.; WEAVER, D. (eds.). **Global journalism research: theories, methods, findings, future**. Malden (MA-USA); Oxford (UK): Blackwell Publishing, 2008b, p. 93-105.

HANITZSCH, T. Populist Disseminators, Detached Watchdogs, Critical Change Agents and Opportunist Facilitators: Professional Milieus, the Journalistic Field and Autonomy in 18 Countries. **International Communication Gazette** 73(6): 477-494, 2011.

HANITZSCH, T.; DONSBACH, W. Comparing journalism cultures. In: ESSER, Frank; HANITZSCH, Thomas (eds.). **Handbook of comparative communication research**. New York; London: Routledge, 2012.

HANITZSCH, T.; MELLADO, C. What Shapes the News Around the World? How Journalists in Eighteen Countries Perceive Influences on Their Work. **International Journal of Press/Politics**, 16 (3): 404-426, 2011.

HANITZSCH, T. et. al. Mapping Journalism Cultures across Nations: A Comparative Study of 18 Countries. **Journalism Studies** 12(3), 2011, p. 273-93.

HANITZSCH, T. et al. Worlds of journalism: journalism cultures, professional autonomy, and perceived influences across 18 nations. In: WEAVER, D. H.; WILLNAT, L (eds). **The Global Journalist in the 21st Century: News People Around the World**. NY: Routledge, 2012, p. 473-494.

HERSCOVITZ, H. G. Brazilian Journalists' Perceptions of Media Roles, Ethics and Foreign Influences on Brazilian Journalism. **Journalism Studies** 5 (1), p. 71-86, 2004.

LIVINGSTONE, S. Challenges to comparative research in a globalizing media landscape. In: ESSER, F.; HANITZSCH, Th. (eds.). **Handbook of comparative communication research**. New York; London: Routledge, 2012.

MELLADO, C. Professional roles in news content: Six dimensions of journalistic role performance. **Journalism Studies**, 16(4): 596-614, 2015.

MELLADO, C.; HANUSCH, F. A pré-socialização dos futuros jornalistas: uma investigação das percepções profissionais de estudantes de jornalismo em sete países. **Anais do 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2012.

MELLADO, C.; MARQUEZ-RAMIREZ, M.; MICK, J.; OLLER ALONSO, M.; OLIVERA, D. Journalistic performance in Latin America: A comparative study of professional roles in news content. **Journalism** (London), v. 1, p. 1, 2016.

MELLADO, C.; MOREIRA S. V.; LAGOS, C.; HERNÁNDEZ, M. E. Comparing journalism cultures in Latin America: The case of Chile, Brazil and Mexico. **Gazette**, 74(1), p. 60-77, 2012.

MELLADO, C.; VAN DALEN, A. Between rhetoric and practice: Explaining the gap between role conception and performance in journalism. **Journalism Studies** 15(6): 859-878, 2013.

MICK, J. Trabalho jornalístico e mundialização: problemas teórico-metodológicos. **Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo**, v. 6, p. 56-69, 2017.

MICK, J.; LIMA, S. P. **Perfil do jornalista brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2013.

NORDENSTRENG, Kaarle; THUSSU, Daya (Eds.). **Mapping BRICS media**. New York: Routledge, 2015.

PHIL-THINGVAD, S. Professional ideals and daily practice in journalism. **Journalism: theory, Practice and Criticism** 16(3): 392-411, 2015.

RIFFE, D.; AUST, C. F.; LACY, S. R. The effectiveness of random, consecutive day and constructed week sampling in newspaper analysis. **Journalism Quarterly**, v. 70, n. 1, p. 133-139, 1993.

RIFFE, D.; LACY, S.; FICO, F.G. **Analyzing media messages: Using quantitative content analysis in research**, 2nd ed. Mahwah, NJ: Erlbaum, 2005.

TANDOC, E.; HELLMUELLER, L.; VOS, T. Mind the Gap: Between Role Conception and Role Enactment. **Journalism Practice** 7 (5): 539-554, 2013.

WEAVER, D. H.; WILLNAT, L. (eds). **The Global Journalist in the 21st Century: News People Around the World**. NY: Routledge, 2012a.

WEAVER, D.; BEAM, R.; BROWNLEE, B.; VOAKES, P.; WILHOIT, C. **The American Journalist in the 21st Century: US Newspeople at the Dawn of a New Millennium**, 2007.